

O Mistério da Encarnação em Gabriel Marcel

RESUMO

Partindo de um contexto de crítica ao cientificismo e racionalismo modernos, apresentando-se com um pensamento assistemático, itinerante e questionador, Gabriel Marcel afirma que a filosofia possui uma *arché*: a existência, ponto de partida e de referência do *labor philosophicus*. A partir da questão *Quem eu sou?* chega-se à percepção da existência (encarnação), o que nos leva, necessariamente, a uma questão ontológica (mistério do ser) e isso, por sua vez, segundo Marcel, nos remete à questão do transcendente (existência e transcendência). A encarnação, segundo Marcel, é o dado central da metafísica, pois é a mediação entre o *eu* e o *mundo* e os *outros*, é a *consciência de mim no meu corpo* e, por isso, perpassada de uma intensa comunhão ontológica (participação). A existência encarnada, assim, exige, de imediato, a questão do ser, o que leva Marcel a distinguir, na relação ontológica, *mistério* e *problema*. Na vivência do mistério, o ser humano possui algumas exigências: recolhimento, engajamento, fidelidade, esperança e amor. A vivência do mistério do ser, perpassada pela comunhão entre o meu *eu* e os *outros*, leva à afirmação de um *Tu Absoluto*: a transcendência. Assim, o mistério da encarnação instaura, na tradição filosófica, uma nova ordem de questionamento do homem e do mundo.

Palavras-chave: Gabriel Marcel; Encarnação; Carnalidade; Mistério.

ABSTRACT

Since the context of a critique of modern scientism and rationalism, presenting with an unsystematic thinking, questioning and wandering, Gabriel Marcel says that philosophy has an *arche*: the existence of starting point and reference *labor philosophicus*. From the question *Who am I?* comes to the perception of life (incarnation), which leads us necessarily to an ontological question (mystery of being) and this, in turn, according to Marcel, reminds us of the transcendent issue (the existence and transcendence). The Incarnation, according to Marcel, is the central finding of metaphysics, it is the mediation between *self* and *world* and *others*, is the *consciousness of myself in my body* and, therefore, crossed an intense ontological communion (participation). The embodied existence thus requires, first, the question of being, which leads Marcel to distinguish in relation ontological *mystery* and *problem*. In the experience of mystery, the human being has some requirements: collection, engagement, fidelity, hope and love. The experience of the mystery of being pervaded by the communion between my *self* and *others*, leads to the assertion of a *Absolute*: transcendence. Thus, the mystery of the Incarnation, therefore, establishes, in the philosophical tradition, a new order of questioning the man and the world.

Key words: Gabriel Marcel; Incarnation; Carnality; Mystery.

* Mestrando em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, Toledo-Pr).

Introdução

Em 2009 comemoramos 120 anos do nascimento do filósofo Gabriel Marcel (1889-1973). Considerando o fato de que fazer Filosofia é também travar um profícuo diálogo com a tradição filosófica e seus pensadores, propomos, apresentar o tema central deste que celebramos o natalício: o mistério da encarnação; e, esperamos, assim, retomar, na discussão filosófica atual, o seu estudo.

Gabriel Honoré Marcel nasceu em Paris aos 07 de dezembro de 1889. Filho único de um conselheiro de Estado e embaixador em Estocolmo, ficou órfão de mãe aos quatro anos (fato que marcará profundamente sua vida e seu pensamento) e foi educado pelo avô e pela tia, a qual viria a ser sua madrastra.

Estudou Filosofia e tinha grande afeição à música, literatura e teatro, o que fazia dele amante da arte musical, eminente crítico literário, dramaturgo e profundo filósofo. Concluiu seu curso de Filosofia em 1908, defendendo a dissertação *A Metafísica de Coleridge em suas Relações com a Filosofia de Schelling*.

Em 1919 casou-se com Jacqueline Boegner, sua inteligente colaboradora, cuja morte, em 1947, será para Marcel uma irreparável perda.

Criado pela tia/madrastra, judia convertida ao protestantismo (o que acarretará uma educação estritamente rigorosa para Marcel), e tendo um pai agnóstico, Marcel não se preocupou, de início, com problemas religiosos. Entretanto, a morte da mãe e a experiência na Primeira Grande Guerra levaram-no a profundos questionamentos sobre a existência e, após algumas experiências religiosas em doutrinas modernistas e práticas espirituais, converte-se, ao catolicismo em 1929.

Após a Segunda Grande Guerra, seu círculo de amizade se conta entre intelectuais como: Gilson, Mauriac, Maritain, Claudel. O tempo de ocupação da Segunda Guerra Mundial e os anos que se seguem representam um período de maior expansão intelectual, principalmente na França. Neste período multiplica suas conferências, viajando para Alemanha, Estados Unidos, Noruega, Canadá, Japão, Espanha, Líbano, etc. Em 1949 ganha o prêmio de literatura da Academia Francesa. É eleito membro da Academia de Ciências Morais e Políticas. Muitas outras homenagens são-lhe prestadas:

“Prêmio Goethe” da cidade de Hamburgo em 1956, o Prêmio Nacional de Letras em 1958, o Prêmio de Osiris em 1963, o Prêmio Erasmo em 1969. Suas obras passam a ter difusão internacional com traduções em diversas línguas.

No dia 08 de outubro de 1973, o filósofo da concepção humana de *Homo Viator* realiza sua “última viagem”, falecendo em Paris.

Pretendemos, então, neste artigo, apresentar o seguinte estado de questão: como Marcel articula sua visão de mundo e de ser humano perpassando pela questão da existência encarnada? Como falar de metafísica a partir do corpo como categoria ontológica numa ordem de questionamento que é a do mistério?

As questões acima são fundamentais nas intenções de nosso trabalho, pois elas objetivam um processo de compreensão e diálogo a partir dos textos marcelianos na perspectiva temática do conceito de corpo para além da tradição filosófica e metafísica.

Porém, antes mesmo de tratarmos a problematização do nosso tema condutor - o mistério da encarnação em Gabriel Marcel -, vale frisar que este trabalho implica, desde já, um questionamento metodológico importante. Tratar-se-ia de um esforço homérico e ousadia gigantesca de nossa parte buscar uma sistematização do pensamento marceliano, visto ser o próprio Marcel avesso às questões postas em termos de sistemas, pois, para ele, os sistemas possuem a tentação de fechar em silogismos a completude e o mistério da existência. Na obra de Marcel não nos deparamos com um encadeamento dedutivista, não cruzamos com teses ou proposições ligadas pela partícula *ergo*.

Sendo assim, pretendemos não sistematizar um pensamento que foi apresentado de forma assistemática, mas *vesti-lo* de uma característica pedagógica e didática que possa favorecer a compreensão do pensamento de Gabriel Marcel no tocante à temática proposta para esta pesquisa: o enigma da encarnação.

O Lugar de Marcel na Tradição Filosófica

A obra de Marcel é marcada por uma originalidade filosófica sem precedentes. Contemporâneo de Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, Gabriel Marcel antecipa e infunde, já nas primeiras décadas do pensamento francês

contemporâneo, um estilo de reflexão própria que levou à maturidade especulativa inúmeros temas e questões decisivas que encontraram lugar de destaque no movimento existencialista e fenomenológico. O fio condutor que atravessa toda a sua contribuição teórica é a temática da encarnação que ele mesmo caracteriza como o tema central de toda a metafísica. Assim, partindo da situação fundamental do homem como uma existência encarnada, isto é, como ser vinculado carnalmente à realidade concreta, Marcel explora substancialmente a idéia de uma *participação ontológica* mais ampla e profunda entre o humano e o mundo, entre o eu e o outrem para além do prejuízo clássico da dicotomia sujeito/objeto.

Esta aposta marceliana se traduz na recusa onde há um mundo em que o "ter" prevalece sobre o "ser", uma existência em que a aparência prevalece sobre a realidade, uma cultura que instaura o excesso de racionalidade e objetividade. É essa "análise da existência", conforme define Zilles (1988, p. 13), que constitui a força motriz do pensamento marceliano. A exemplo de outros pensadores de sua geração, Marcel é um filósofo que reflete a situação humana num contexto histórico-filosófico extremamente crucial em que a humanidade assiste uma irreparável crise cultural produzida, sobretudo, pelo advento da Primeira Grande Guerra, pelos sistemas totalitários, etc. O ser humano percebe-se limitado, fragilizado e totalmente destruído diante da existência e constata que os sistemas de pensamento essencialistas, entre eles o idealismo, não fornecem uma resposta mais decisiva diante de tal quadro de crise civilizatória. Como bem teria observado Emmanuel Mounier, "o existencialismo se apresenta como uma reação da filosofia do homem contra o excesso da filosofia das idéias e da filosofia das coisas." (*Apud* ZILLES, 1988, p. 13). Por isso, não é tarefa fácil determinar o lugar do pensamento marceliano na tradição filosófica. A ontologia clássica, por exemplo, particularmente a medieval, pensava o ser a partir da ótica essencialista; o idealismo alemão o via como infinito e imutável; já Marcel procura estabelecer no âmbito do ser o elemento chave da historicidade e da finitude. Sua filosofia, então, pode ser vista como um pensamento a caminho, como uma proposta de "filosofia concreta", onde o transcendente aparece no centro de nossas experiências humanas, onde

a descoberta de nossa situação como seres encarnados nos leva a uma participação no próprio ser.

A Filosofia do Concreto

Ao partir desse contexto, Marcel passa a explorar a idéia do homem como projeto ou como *vir-a-ser*. O homem deixa de ser uma essência, um ser definível de maneira exaurível para mergulhar no coração mesmo da finitude e do presente como um ser encarnado. Ele se revela, antes de tudo, como uma experiência corporal. O corpo, nessa curiosa acepção marceliana, se torna, desde então, uma categoria ontológica sem precedentes: ele se manifesta como uma experiência de mistério (*eu não tenho um corpo, mas sou meu corpo*), abrindo-se, portanto, à possibilidade da alteridade e da transcendência. É sob esta ótica que Marcel elevará o tema da encarnação como o dado central da metafísica. O que passa a entrar em jogo aqui é a interrogação radical sobre a existência humana, uma existência fragmentada e desumanizada, onde a técnica banuiu toda a experiência de mistério.

Por isso, aos olhos de Marcel, a tarefa do filósofo deve visar absolutamente uma "filosofia do concreto", no sentido de que o ato de filosofar deve ser o ato de "pensar em", o que sugere uma relação com um "tu". A filosofia nada mais é do que a tensão permanente entre o eu e as profundidades do ser no qual somos. Garaudy nos apresenta uma longa descrição desse empreendimento:

Para chegar ao ser verdadeiro, Gabriel Marcel elaborou uma teoria dos graus do conhecimento. Poder-se-ia compará-la à de Platão ou à de Spinoza, mas é parente mais próxima da de Maine de Biran. Com efeito, em sua busca de um pensamento existencial, e não formal, Gabriel Marcel foi levado a elaborar o que poderia chamar-se de uma epistemologia personalista. Ressalta-se de início a ambigüidade da noção de fato. O fato não pode ser nem simplesmente dado, nem inteiramente produzido. Acha-se para lá da oposição corrente entre atividade e passividade. A verdade inclui a obrigação de ser reconhecida, mas este reconhecimento é um ato sem o qual

verdade e realidade se confundiriam. Só há verdade em relação a um sujeito. O conhecimento é uma reflexão que se situa entre dois imediatos: o imediato primitivo da criança que se acha espontaneamente apegada à vida, imediato este que se destrói pela reflexão, e o imediato que se acha para lá do pensamento, que supera a reflexão: a fé. Entre esses dois imediatos, Gabriel Marcel distingue duas espécies de reflexão: a reflexão primária, que abstrai e que empobrece, e a reflexão segunda, que é recuperadora. A experiência imediata é a de uma permuta existencial entre o objeto e o sujeito. Reconhecemos aí um tema que Merleau-Ponty desenvolveu em sua concepção do pré-perceptivo e do pré-reflexivo. Em seu esforço pela posse técnica do mundo, o pensamento abstrai essa experiência: a partir da consciência espontânea, a reflexão primária se elabora segundo as categorias do ver e do ter. Por analogia, com o fenômeno da visão, observado em outrem, a percepção aparece como um fenômeno que comporta a emissão de um sinal, a recepção deste sinal por um outro corpo, e a interpretação deste sinal por outro pensamento. Tudo se exprime aqui em termos de exterioridade. Ademais, o objeto percebido é visado por um desejo ou uma ação, define-se em termos de posse, de ter, distingue-se daquele que o retém ou aspira a retê-lo e é radicalmente independente dele. A reflexão primária só deixa subsistir relações entre coisas, relações impessoais e relações estranhas à existência viva e vivida do homem. O objeto e o sujeito acham-se dissociados. O pensamento está separado da realidade. A objetividade que procede dessa dupla ruptura nada mais tem em comum com a existência. É sua caricatura depauperada. Dá-me, como um espetáculo, um mundo de onde me acho excluído como sujeito atuante. A reflexão segunda é antes de tudo negação e recusa desse mundo empobrecido que não é o ser. É negação de uma negação, é uma reconquista, uma recuperação da unidade perdida. Afirma uma transcendência em relação a esse mundo objetivo. Procura encontrar a presença do ser, entrar em participação com ele. Recupera o que havia de concreto na experiência imediata e que a reflexão deixara cair. A reflexão primária

exercia-se no mundo dos problemas, que é o da objetividade; a reflexão segunda exerce-se no do mistério. Gabriel Marcel assinala veementemente a diferença: “Um problema é algo com que me deparo, que encontro todo inteiro diante de mim, mas que não posso por isso mesmo abarcar e reduzir, enquanto que o mistério é algo em que eu próprio estou comprometido e que, por conseguinte, só é pensável como uma esfera em que a distinção entre o em-mim e o ante-mim perde sua significação e seu valor inicial”. Quando se trata do mistério, não tenho mais o recuo do espectador, acho-me em causa e a questão acerca do que é o ser não mais se separa da questão acerca do que sou. (GARAUDY, 1968, pp. 144-145)

Pode-se dizer, em certo sentido, que Marcel faz uma espécie de análise fenomenológica numa perspectiva intimamente ontológica. Ele não visa um pensamento pensado, mas um pensamento pensante numa situação concreta, que se constitui numa progressão ascendente. Não admite que o filósofo se enclausure num conjunto de fórmulas racionalmente concatenadas, pois

O método do filósofo existencialista cristão, chamado vagamente de “fenomenológico” não se parece com o de outros filósofos existencialistas. Marcel é o filósofo mais concreto, mais ligado ao exame de experiências vividas e cujo sentido vem a ser por ele extraído através de um processo de tentativas, de descrições, de análises, de aproximação de temas correlatos, segundo um ritmo que não pode senão parecer ligado à irrupção que o filósofo vê o seu próprio método, nem a sua filosofia é uma filosofia da intuição. No que o pensamento de Marcel tem de afirmativo, não se vê como deixar de observar que procede, não por encadeamento lógico, por dedução, mas através de descrições, seguidas de fórmulas categóricas, dramáticas, parecendo saltar das experiências humanas para as conclusões, sem qualquer seqüência reconhecível. (DOMINGUES in CINTRA, 1972, p. 62).

É sob este contexto maior que buscamos apontar na obra filosófica de Marcel o estatuto

decisivo pelo qual o mistério da encarnação se torna o fio condutor de uma reflexão que se pretende original, propositiva e, portanto, radical em seus fundamentos últimos.

A Encarnação: Dado Central da Metafísica

Ao construir sua filosofia, Marcel partirá da questão da corporalidade, ou seja, a meditação sobre o que, “impropriamente”, julga ele, chama-se “o problema da alma e do corpo”. Marcel não afirmará que “eu tenho um corpo”, mas que “eu sou um corpo”. Isso também o materialismo teria considerado, porém, num âmbito de abordagem não suficientemente radical, na medida em que o materialismo confunde o “meu corpo para mim” com o “meu corpo para os outros e entre os outros”, “o meu corpo-sujeito” com “meu corpo-objeto”, produzindo, portanto, um dualismo intransponível entre a consciência e o próprio corpo. Assim, Marcel utilizar-se-á da expressão *ser encarnado*. O ser encarnado é a condição de acesso ao real e referência central da reflexão metafísica. A concepção de corpo como ser encarnado nos faz sair do idealismo e “cair” no mundo da presença, da ecceidade da existência, como bem volta a comentar longamente Garaudy:

Um dos maiores delitos da reflexão primária é ter estabelecido entre meu corpo e eu uma exterioridade abstrata: ora, sublinha Gabriel Marcel, “parece-me impossível conceber como um ego desmaterializado poderia ainda ter a pretensão ou o cuidado de possuir”, ainda que fosse de possuir um corpo. Pelo contrário, meu corpo é modelo não figurado, mas sentido, ao qual se refere toda posse. “Sou meu corpo” e todas as coisas que tenho ou que desejo ter, experimento-as como prolongamentos de meu corpo. Não existe entre meu corpo e mim uma relação instrumental: meu corpo não é uma de minhas ferramentas, entre outras. Quando tenho essa ilusão, é que raciocino por analogia a partir do corpo dos outros, que posso, com efeito, ver e manipular como um objeto. É eu mesmo, é o corpo-sujeito, meu ponto de inserção no mundo. Identifica-se com o fato de que estou situado no mundo. Meu

corpo – não o corpo abstrato estudado pelo biólogo, mas o corpo de minha experiência vivida – é o mediador entre mim e o mundo. Entre mim e tudo o que existe há uma relação do mesmo tipo daquela que me faz um com meu corpo. Por meu corpo, estou em simpatia com as coisas. É minha encarnação como ser em situação no mundo. “O ser encarnado, referência central da reflexão filosófica”, escreve Gabriel Marcel. E acrescenta: “A essência do homem é de ser em situação”. As duas fórmulas entrelaçam-se e completam-se. Significam que tudo o que existe, no mundo ou na história, acha-se situado em relação a meu corpo, ao final de uma série de mediações que podem ser numerosíssimas; tudo isso se encontra na minha órbita existencial e implica, seja em que grau for, na minha presença, na minha existência. Reciprocamente, só posso existir situado, *hic et nunc*, inserido num lugar bem definido do mundo, o de meu corpo. Para lá da reflexão primária, que me excluía das coisas, reconheço minha aderência carnal ao mundo, os laços nupciais entre o mundo e eu. A noção de existência ganha precisão ao mesmo tempo que a noção de encarnação, central na obra de Gabriel Marcel. Por ela se define toda existência. A sensação, como dado sofrido por um corpo-objeto, é uma abstração. A relação entre o mundo e mim, entre meu corpo-sujeito e o ser no qual se banha, é ao mesmo tempo dom e obra; é participação. Não sou espectador do mundo, mas participante. (GARAUDY, 1968, p. 145-146).

O que Marcel pretende é compreender a realidade e a existência a partir do dado da encarnação. Nessa direção poderíamos traçar um breve, mas decisivo esquema dessa temática central, tal qual encontramos na obra de Marcel: a partir do questionamento central da existência (*Quem sou eu?*) chega-se à sua idéia original e pétrea: sou existência encarnada (*Encarnação*). Essa existência encarnada, feita carne e corpo, participa do mistério do ser (*Ontologia*) e encontra maneira de vivenciar o ser (*Participação*). Na vivência ontológica encarnada do ser – por meio da participação, que se revela em posturas de recolhimento, fidelidade, amor, fé, compromisso, engajamento e esperança – percebemos o outro não como coisa, objeto ou

um ente em terceira pessoa (*ele*), mas como um outro em segunda pessoa (*tu*); na percepção de que o outro é a possibilidade de auto-revelação, chega-se, necessariamente, à questão do Totalmente Outro, do transcendente (*Existência e Transcendência*).

Este sugestivo esquema que ora delineamos apenas visa referendar a real dimensão que a temática da encarnação ocupa na obra filosófica marceliana, isto é, sua decisiva originalidade. É uma ordem de questionamento que nasce de uma explícita oposição ao cientificismo e o racionalismo reutivo, buscando, sobretudo, um nível de interrogação filosófica itinerante num mergulho ao coração da transcendência.

Como vimos, a existência é o ponto de partida e o ponto de referência da filosofia de Gabriel Marcel. Em oposição ao pensamento racionalista-idealista, objetivante e abstrato, antes que uma *razão*, somos *existência*, real e concreta, inserida no mundo. Em outras palavras: a existência é, necessariamente, uma existência encarnada. Sendo um ser encarnado, nossa condição de ser existente nos é revelada de modo imediato e inconfundível como encarnação, isto é, enquanto a consciência mais gratuita de *mim no meu corpo*. Tomemos, então, as palavras do próprio Marcel:

A encarnação – dado central da Metafísica. A encarnação, situação de um ser que aparece a si ligado a um corpo. Um dado não transparente a si mesmo: oposição ao *cogito*. Deste corpo não posso dizer que é meu corpo, nem que não é, nem que é para mim (objeto). A oposição entre sujeito e objeto é transcendida. Mas, ao contrário, se parto desta oposição tratada como fundamental, não haverá mais truque lógico para reunir esta experiência; inevitavelmente terá passado ou foi recusada, o que é a mesma coisa. Não se deve objetar que esta experiência apresenta um caráter contingente; na verdade toda a investigação metafísica requer um ponto de partida deste gênero. Só pode partir de uma situação que reflete sobre si mesma seu poder compreender-se. Examinar se a encarnação é um fato; não me parece que o seja. É um dado a partir do qual um fato é possível (o que não é verdade a partir do *cogito*). É uma situação fundamental que, a rigor, não pode ser dominada, rotulada e analisada.

É precisamente esta impossibilidade que eu afirmo quando declaro, confusamente, que sou meu corpo, ou seja, que não posso conceber como um termo distinto do meu corpo, que se mostra numa relação determinável. Como já disse, no momento em que o corpo é tratado como objeto da ciência, eu me exilo no infinito. (MARCEL, 2003, p. 13-14).

A encarnação – dado central metafísico – é, pois, a mediação entre o *eu* e o *mundo* e os *outros*. As coisas no mundo não são, em primeiro lugar, objetos do espírito, mas como que prolongamentos do corpo. A presença orgânico-psíquica do corpo é o centro de referência de toda órbita existencial ou, numa analogia, o campo magnético em que gravitam todas as coisas. Isso implica que não somos autônomos, não estamos limitados a nós mesmos, num eterno solipsismo, mas, sim, somos permeáveis às demais coisas. Viver é estar aberto a uma realidade com a qual entramos em uma espécie de comunhão. Enfim: a encarnação é a participação no mistério, o que se dá em três níveis: o homem como ser encarnado, as relações intersubjetivas e a abertura do homem ao transcendente.

Ser e Ter

Entretanto, o mistério da encarnação pode converter-se em uma existência inautêntica se vier a situar no nível do *ter*. Marcel analisa essa situação em profundidade na sua obra *Ser e Ter*. Na categoria do *ter*, a existência é “devorada” pelos objetos, o *ter* conduz ao desespero e à falta de sentido. O *ter* é aquilo que é objetivável, exponível a outros, é a exteriorização do ser, o seu fazer-se espetáculo; ele é o “coisificar-se” do ser, o seu vir para fora, o seu epifanizar-se, fragmentar-se, mumificar-se. O *ter*, acentuando a si mesmo, anula o ser; mas, tornando-se instrumento, subirá ao plano do ser. Assim, é preciso, nos tempos atuais, redimensionar a existência, tornando-a disponível ao ser.

O Outro na Ótica Marceliana

E como fica a questão da intersubjetividade no pensamento de Marcel? Quem é o outro? Como participamos do mistério da *outridade*? A existência dos outros também nos é dada na

experiência existencial da encarnação. A primeira coisa que aparece nesta experiência é a oposição radical entre a existência do outro e qualquer coisa que nos é dada como objeto. O objeto é o despersonalizado, o *desubjetivado*, o que é independente do que somos. Pelo contrário, o outro pessoal, o *tu*, constitui-se como um complemento de nossa personalidade, um prolongamento de nossas situações subjetivas, como aquele com quem temos relações de intersubjetividade e comunicação. O outro nos é dado, pois, como uma presença inobjetivável, o que se traduz numa autêntica comunhão ontológica. O “existir” (*esse*) é ao mesmo tempo coexistir (*co-esse*), tanto no plano da existência sensível, como, sobretudo, no plano do ser pessoal. O caráter único e inefável do eu se fundamenta na *co-presença*.

Marcel insiste, portanto, que a existência encarnada sugere, de imediato, a própria questão do ser. A filosofia existencial conduz, necessariamente, a uma ontologia. Nessa direção, Marcel situa-se na linha de Heidegger e Jaspers, ou seja, a pergunta sobre o ser está incluída no mesmo sujeito que questiona sobre a sua existência; toda filosofia existencial leva, inexoravelmente, a uma ontologia.

Mistério e Problema

A reflexão sobre o ser é uma necessidade no momento atual. Para Marcel, o mundo está quebrado e há conflitos e guerras permanentes. E o que surpreende o pensador francês é a mentalidade que impera nesse mundo: o mundo é uma soma fixa de forças, é o mundo da vontade de potência e nenhum outro. Essa imanência radical, sem saída, é o aspecto mais impressionante para Marcel. Para ele, esse mundo apresenta três características fundamentais: a) nele o homem identifica-se com suas funções; b) nele a técnica torna-se técnica de envilecimento; c) nele o espírito de abstração cria o terror e o desespero. Assim comenta Garaudy:

Essa orientação das técnicas conduz ao desespero: há de início um mundo dos objetos de onde estou ausente e que me ignora, um deserto, e depois há a morte, porque se me defino apenas por minha função, desde que, pela velhice, a doença ou a morte, deixe de preencher

essa função e torne-me inutilizável, estarei totalmente aniquilado. (GARAUDY, 1968, p. 143).

É sob essa medida que Marcel passa a discutir uma importante distinção entre duas ordens de temas: problema/mistério. Problema é algo objetivo, que está aí para ser resolvido, dissolvido; mistério é algo que envolve, compromete. O problema, pois, é o que está “perante mim”, objetivável, passível de ser decomposto por conceitos. Esse é o campo da ciência: um campo de problemas. O mistério, por outro lado, significa o que está “em mim”, o que me faz estar implicado com ele. O mistério transcende a oposição de sujeito e objeto, por isso não pode ser representado, o que equivaleria a objetivá-lo. Ele está situado numa zona profunda da realidade, que Marcel chama de *metaproblemática*.

Mistério não é simplesmente o insolúvel; afinal de contas o campo da ciência está cheio de problemas insolúveis, mas que se espera serem resolvidos. A zona do mistério é de outra ordem. O ser como mistério não pode ser mediatizado, nem comunicado; todavia é muito concreto. A atitude do espírito frente a ele é muito distinta; chega-se a ele não pela via lógica, mas por certas experiências, até chegar ao reconhecimento. A tarefa da metafísica pode ser definida como uma reflexão dirigida ao mistério. Sendo assim, o campo do mistério é amplo e abarca todo um âmbito de realidades recônditas, como, por exemplo, a questão do mal, relação corpo-alma, a liberdade, o conhecimento, o amor, etc. Mas todos esses mistérios são somente aspectos de um mistério fundamental: o mistério do ser. Para Marcel, o ser não é um objeto perante nós; nós mesmos somos ser, participamos no ser, de sorte que nos incluímos na pergunta que colocamos. É impossível separar as perguntas *O que é o ser?* e *Quem sou eu?* A questão do ser comporta, pois, um envolvimento existencial. É sob este horizonte que a experiência da encarnação se apresenta, antes de tudo, como um mistério.

Considerações Finais

Ao apresentarmos nestas linhas o pensamento central de Marcel – o mistério da encarnação –, deve estar subentendido a antropologia marceliana: o homem é um “ser encarnado” e

esta concepção chega-se através de análises do significado da proposição "eu existo".

Segundo o pensador francês, a reflexão metafísica revela que a proposição acima possui a seguinte categoria de significado: "eu sou meu corpo". Por corpo deve-se entender não tanto a matéria extensa e visível, mas a *intimidade-concreção* do eu, isto é, a encarnação ou individualização do existir. O ser se revela "com-ser", o "eu existo" se torna "a existência existe", porém não como somatória de objetos, mas como "teatro" de experiências e de existentes em profunda relação dialógica; a isso Marcel designa "participação".

Dessa maneira, o humano se percebe como *Homo Viator*, um viandante, o qual, por força intrínseca, não pode recusar-se a esclarecer o sentido de sua vida, pois isso seria recusar a própria identidade; o *Homo Viator* é aquele

que, itinerantemente, participa ontologicamente do ser mediante o seu próprio corpo.

Referências Bibliográficas

CINTRA, R. (Org). *Credo para amanhã*. 3. Petrópolis: Vozes. 1972.

GARAUDY, R. *Perspectivas do homem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.

LELOTTE, F. (Org). *Convertidos do século XX*. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

MONDIN, B. *Curso de filosofia*. 3. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

MARCEL, G. *Homo Viator*. Torino: Borla. 1967.

_____. *Ser y tener*. Madrid: Caparrós, 2003.

ZILLES, U. *Gabriel Marcel e o Existencialismo*. Porto Alegre: Ed. PUCRS/Acadêmica, 1988.